

□ Tempo de leitura: 7 min.

Em 6 de junho de 2026, no Santuário de São João Paulo II em Cracóvia, será realizada a cerimônia de beatificação de nove salesianos poloneses, educadores e mártires. Esta beatificação é um reconhecimento público do seu testemunho de fé, que se revelou mais forte do que a violência, o medo e a morte.

O eclipse da esperança

Em 1º de setembro de 1939, a invasão da Polônia pelas tropas nazistas marcou o início de uma noite profunda para a humanidade. O nacional-socialismo e o comunismo soviético uniram-se com o objetivo deliberado de destruir a nação polonesa. Aquele dia não marcou apenas o início de um conflito territorial, foi o amanhecer de um plano de aniquilação. A perseguição foi fruto de um plano científico coordenado, voltado para liquidar a “intelligentsia” e o clero. Para o regime nazista, o clero, e em particular aquele engajado na frente educativa como os filhos de Dom Bosco, representava uma ameaça intolerável ao projeto de “germanização”. Atingir o sacerdote significava “decapitar” a cultura polonesa, pois o clero era o guardião natural da identidade nacional. Em particular, os salesianos, com 32 casas e mais de 500 coirmãos, formavam os jovens segundo o Sistema Preventivo: o “Da mihi animas cetera tolle” de Dom Bosco era a antítese da doutrinação nazista; para o regime, a educação cristã era uma sabotagem ideológica. As ordens de Reinhard Heydrich eram claras: «A nobreza, o clero católico e os judeus devem ser liquidados». A violência visava paralisar e aniquilar a Igreja, mas os Salesianos responderam transformando a evangelização em uma resistência moral, prontos a pagar com o sangue o seu mandato pastoral e educativo.

Os lugares do martírio: Auschwitz e Dachau

Muitos sacerdotes e religiosos foram jogados no abismo dos “*Konzentrationslager*” (KL), onde a dignidade humana era sistematicamente pisoteada. Auschwitz (I, II-Birkenau e III-Monowitz) e Dachau não foram apenas lugares de morte, mas

memoriais de testemunho da dignidade humana e da santidade de Deus até o martírio. Aqui, figuras como o oficial da SS Siebert em Montelupich ou o sádico “kapo” “Franz” em Auschwitz tentaram aniquilar não apenas o corpo, mas a identidade religiosa de um povo. Ao trabalho forçado de quebrar pedras e arrastar pesados carrinhos de mão sob os golpes dos algozes, os sacerdotes salesianos uniram seus sofrimentos físicos e morais ao sacrifício redentor de Cristo; ao desafio blasfemo do *kapo* que grita: «Eu sou Deus porque posso te matar», desafiando a onipotência divina e aos golpes mortais dos algozes, reagiram com a invocação incessante do nome de Jesus, mantendo a serenidade interior que surpreendia os próprios algozes; à privação de cuidados e às torturas gratuitas e desumanas responderam com o exercício da caridade, transformando os alojamentos em “oratórios de dor”, onde confessavam e confortavam os moribundos em fidelidade ao ministério sacerdotal; à aniquilação da dignidade humana e de homens de Deus com humilhações físicas e morais responderam com a administração clandestina dos sacramentos e o holocausto da vida. Esses “campos da morte” tornaram-se paradoxalmente “campos de esperança”, onde nove mártires escreveram a última página de suas vidas.

Retratos de fortaleza

O dia 27 de junho de 1941 representa o ápice da ferocidade nazista contra os salesianos de Cracóvia. Naquele dia, um grupo de sacerdotes, entre eles o P. João (Jan) Świerc, o P. Inácio (Ignacy) Dobiasz, o P. Francisco (Franciszek) Harazim e o P. Casimiro (Kazimierz) Wojciechowski, foi designado para o “*Strafkommando*” (Companhia penal) do Bloco 11. O *kapo* Franz, descrito como um “bandido sádico”, e os outros algozes não buscavam apenas a morte dos corpos, mas a apostasia das almas. O P. **João Świerc**, o mais velho, massacrado por uma hora pelo *kapo* Franz, morreu exalando as palavras: “Ó Jesus, ó Jesus!”, sem nunca amaldiçoar seu algoz. O P. **Inácio Dobiasz**, mestre de vida espiritual, foi espancado e jogado em uma vala, acolhendo o martírio como um dom supremo e definitivo. O P. **Francisco Harazim**, de saúde frágil, foi torturado enquanto o *kapo*, gritando, o desafiava a mostrar o seu Deus. «Eu sou Deus, porque posso te matar ou te deixar vivo. Se você acredita em Deus, por que ele não te ajuda?». Neste abismo de violência, quando o P. Harazim, moribundo na vala com os ossos quebrados, pediu para se confessar, Franz ordenou ao P. Wybraniec que ouvisse a confissão em voz alta e em alemão, para violar o seu segredo. O P. Wybraniec, desafiando a morte imediata, concedeu a absolvição sem exigir a confissão pública, preservando o sacramento e

sofrendo por isso um violento espancamento. O P. Harazim morreu sufocado por uma barra de ferro na garganta junto com o P. **Casimiro Wojciechowski**. Naquele mesmo grupo brilhou a figura do P. **Inácio Antonowicz**. Apesar de ter tido a possibilidade de fugir antes da prisão, escolheu voltar ao seminário para não abandonar seus clérigos. «Tudo está pronto, caso eu não volte», disse a um coirmão. Consciente do destino, disse: «Para eles basta ser sacerdote para nos prender». Morreu semanas depois, em 21 de julho de 1941, exausto pelas mordidas dos cães atizados contra ele.

O P. **Carlos (Karol) Golda** foi preso em 31 de dezembro de 1941 em Oświęcim. Seu “crime” foi a administração do sacramento da penitência. Golda havia acolhido dois soldados da SS, um aspirante a sacerdote e um companheiro de armas ortodoxo. Para a ideologia nazista, um soldado que cruzava a soleira de uma igreja “manchava o uniforme da SS”: por isso o próprio militar foi condenado a vários anos de prisão. O P. Golda foi transferido para Auschwitz (Bloco 22) sob a acusação de espionagem. Maximiliano Grabner, o famigerado chefe do departamento político do campo, o submeteu a torturas sistemáticas para violar o sigilo sacramental e obter informações sobre as confissões dos soldados. Golda opôs um silêncio absoluto. Foi um mártir da confissão porque não traiu o segredo da confissão. Fuzilado em 14 de maio de 1942, Golda deixou um último bilhete aos coirmãos: não pedia justiça, mas apenas perdão por qualquer eventual desgosto causado, selando com o sangue a dignidade do ministério.

O P. **Vladimir (Włodzimierz) Szembek**: nobre de nascimento e agrônomo, entrou para os Salesianos aos 40 anos, trazendo consigo uma têmpera moral que desafiaria o horror do “*Konzentrationslager*”. Em 9 de julho de 1942, durante uma brutal busca da Gestapo em Skawa, Szembek ofereceu-se espontaneamente no lugar do diretor, que deveria servir de refém no lugar de um jovem aspirante salesiano que havia conseguido se esconder. Os oficiais, em um excesso de zelo repressivo, decidiram prender ambos. Antes de chegar a Auschwitz, Szembek conheceu o inferno da prisão de Zakopane, trancado em uma cela muito estreita e invadida pela água, onde os prisioneiros só podiam se sentar em turnos. Em Auschwitz, foi designado para trabalhos exaustivos, forçado a arrastar um pesado cilindro de pedra para nivelar o pátio de chamada. Os testemunhos dos companheiros de prisão, entre eles o sobrinho Jan Kanty Szembek, descrevem um

corpo martirizado: mãos e ombro fraturados pelos espancamentos; todas as costelas quebradas sob os golpes dos guardas; o tronco completamente escurecido por um princípio de gangrena; uma perna inchada e fraturada que tornava cada movimento uma agonia. E, no entanto, Szembek exortava os companheiros a uma missão quase impossível: «Devemos apagar do nosso coração todo ódio, esquecer e perdoar os crimes sofridos». Morreu em 7 de setembro de 1942.

Na enfermaria de Auschwitz, onde as condições de higiene eram definidas como “desumanas” pelos próprios médicos prisioneiros, o **P. Luís (Ludwik) Mroczek** tornou-se um ponto de referência espiritual. Atingido por um *flegmão* – uma gravíssima infecção supurativa que se espalhou progressivamente por todo o corpo – foi submetido a repetidas cirurgias sem anestesia nem medicamentos adequados. O contraste entre o seu rosto desfigurado pela dor e a serenidade da sua alma abalou profundamente as testemunhas. Józef Stemler, seu companheiro de internação, contou tê-lo “testado” insultando um algoz que acabara de chutar o sacerdote. A resposta de Mroczek – «Deus o perdoe» – revelou instantaneamente a sua estatura sacerdotal. «É um gigante do sofrimento... Se não tivéssemos tais sacerdotes, seríamos cem vezes piores», declarou o médico que o operou. Mroczek morreu na noite de 5 de janeiro de 1942, transformando a agonia em um ato de intercessão pelos seus próprios algozes.

O **P. Francisco (Franciszek) Miska** (30 de maio de 1942): diretor do seminário de Łąd, transformado em prisão para 152 religiosos. Recusou a liberdade prometida em troca da colaboração com a Gestapo. Morreu em Dachau, forçado a carregar panelões de sopa fervente com uma mão quebrada.

Nos campos de concentração, os Salesianos mártires não deixaram de ser pais e mestres. A sua presença transformou a percepção do campo: onde reinava o ódio, eles levaram a “pedagogia da esperança”. As confissões administradas entre as filas de trabalho ou durante a distribuição do pão restituíam a dignidade de filhos de Deus a quem era reduzido a um número; a Eucaristia clandestina, celebrada na escuridão dos alojamentos com fragmentos de pão, levava “a força da graça” a um lugar que negava a sua existência; o conforto dos moribundos transformava a agonia solitária em uma passagem para a eternidade, oferecendo calor humano no gelo do *lager*; o perdão dos inimigos era o ato mais subversivo. Ensinando a não

odiar, os mártires quebraram a corrente da violência, saindo vitoriosos no plano moral e espiritual.

O legado da memória

O vínculo com a história é selado pelas palavras de um jovem da paróquia salesiana de Debniki (Cracóvia) que, vendo o sacrifício dos seus pastores, sentiu amadurecer a própria vocação, o jovem Karol Wojtyła, futuro papa João Paulo II: «Estou persuadido de que para a minha vocação sacerdotal [...] concorreram também as orações e os sacrifícios daqueles pastores de então, os quais [...] pela vida cristã de cada paroquiano e especialmente pelos jovens paroquianos – então eu pertencia aqui à juventude – pagavam não apenas com uma boa palavra [...] mas também com o sacrifício e o sangue do martírio». Eles haviam pago com a vida para proteger a juventude da paróquia, aquela mesma juventude da qual o futuro São João Paulo II fazia parte.

Os nove mártires salesianos poloneses são mestres de coerência que ensinam como, mesmo quando a luz da razão se apaga, a luz da fé pode resplandecer mais forte, tornando o homem livre mesmo atrás do arame farpado. O seu legado convida a sermos, hoje, testemunhas da mesma esperança imperecível. A sua história nos entrega um paradoxo lancinante: a vitória de quem sucumbe por amor sobre quem mata por ódio. Em uma época que frequentemente desliza para o ressentimento e a divisão, esses homens fazem uma pergunta que sacode as consciências: como é possível, sob os golpes de um bastão ou na escuridão de uma cela, responder à tortura com o perdão e à escuridão com o cuidado do outro? A sua resistência espiritual sugere que a dignidade humana, quando ancorada na fé em Deus, é a única força que nenhum algoz pode quebrar.